

# Uma pedagogia do movimento: Os movimentos sociais na obra de Paulo Freire

## Pedagogy of movement: Social movements in the work of Paulo Freire

Danilo R. Streck<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo tem o objetivo de situar a obra de Paulo Freire em relação aos movimentos sociais. Argumenta-se que a pedagogia freireana tem nesses movimentos um dos principais lugares de inspiração e de renovação. Na primeira parte há uma tentativa de mapear etapas da obra de Freire e sua vinculação com os movimentos sociais, respectivamente, os movimentos populares dos anos 60 no Brasil; o período do exílio, quando a teoria de Freire é testada no confronto com outras realidades e movimentos; e os movimentos pelos direitos humanos e pela redemocratização após o retorno à sua pátria. Na segunda parte são identificados alguns aspectos do que pode ser caracterizado como pedagogia do movimento: a leitura do mundo desde o interior das práticas sociais, a itinerância ou “andarilhagem”, e a ampliação de fronteiras do “ser mais” a partir dos movimentos sociais como forças instituintes.

Palavras-chave: Paulo Freire. Movimentos sociais. Movimentos populares. Educação popular. Cidadania.

### Abstract

The main purpose of this article is to situate the work of Paulo Freire in relation to social movements. It is argued that Freire's pedagogy finds in the social movement one of the main *loci* of inspiration and renewal. In the first part there is an attempt to identify some phases in Freire's work, and their linkage to social movements, respectively, the popular movements in the decade of 1960 in Brazil; the period of his exile, when Freire's theory is tested in the confrontation with other realities and movements; and the movements for human rights and for redemocratization after returning to his country. In the second part, there are identified some aspects of what could be characterized as a pedagogy of movement: the reading of the world from within the social practices, the itinerant character of his praxis, and the widening of the meaning of “being more” (*ser mais*) based on the social movements as creative forces.

Keywords: Paulo Freire. Social movements. Popular movements. Popular education. Citizenship.

- 
- 1 Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Grupo de Pesquisa: Mediação Pedagógica e Cidadania. Endereço profissional: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei. CEP 93022-000 - São Leopoldo, RS - Brasil - Caixa-Postal: 275. Telefone: (51) 35908117 Ramal: 1113 Fax: (51) 5908118. Endereço residencial: Rua Pastor Rodolfo Saenger, 144, Bairro Jardim América. CEP 93035-110. São Leopoldo-RS. Fone: 51 3590 142851 8151-6466. E-mail: <dstreck@unisinos.br>.  
Nota: Colaboraram os seguintes bolsistas de iniciação científica: Vítor Schütz (Unisinos), Diulli A. Lopes (FAPERGS), Daiane Azevedo (CNPq) e Mirele Alberton (CNPq).  
O projeto do qual este texto faz parte conta com apoio do CNPq.

R. Educ. Públ.	Cuiabá	v. 18	n. 36	p. 165-177	jan./abr. 2009
----------------	--------	-------	-------	------------	----------------

## As marchas: a sociedade em movimento

Na segunda carta pedagógica, ao referir-se à marcha do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), em direção a Brasília, Freire (2000, p. 61) manifesta seu sonho de ver o país cheio de marchas: “A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem-escola, dos sem-hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível.”<sup>2</sup>

Ana Maria Araújo Freire relata a emoção do marido diante da manifestação pública na qual culminou tal marcha, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, falando diante da televisão como se lá estivesse: “É isso minha gente, gente do povo, gente do povo, gente brasileira. Esse Brasil é de todos e de todas nós. [...] esse país não pode continuar sendo de poucos [...] Lutemos pela democratização deste país. Marchem, gente de nosso país[...].” (FREIRE, 2000, p. 63). Com essas palavras e gestos, Paulo Freire reconhece os movimentos sociais como as forças por excelência capazes de alterar situações de injustiça construídas na história, a partir de interesses que passaram a ser naturalizados.<sup>3</sup>

Neste trabalho pretendo identificar alguns momentos na construção de sua obra, a partir da relação com os movimentos sociais, tendo presente que há neles uma grande diversidade, desde a perspectiva ideológica até as suas estratégias de luta. Argumento que, grosso modo, estes momentos constituintes podem ser agrupados em três categorias, que correspondem à emergência e construção do popular na América Latina, à elaboração de uma perspectiva dentro de outros movimentos no mundo e ao engajamento na luta pela democratização e pelos direitos humanos em sua pátria.

---

2 Na entrevista à TV PUC, por Luciana Burlamaqui, poucos dias antes de morrer ele expressou a mesma idéia, com uma enorme plasticidade. Eis a transcrição do trecho: “Eu estou absolutamente feliz por estar vivo ainda e ter, acompanhar essa marcha, que como outras marchas históricas revelam o ímpeto da vontade amorosa de mudar o mundo, dessa marcha dos chamados ‘sem terra’. Eu morreria feliz se visse o Brasil, cheio em seu tempo histórico, de marchas. Marchas dos que não têm escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem. Marcha dos que se recusam a uma obediência servil. Marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e são proibidos de ser. Eu acho que, afinal de contas, as marchas são andarilhagens históricas pelo mundo e os sem terra constituem para mim hoje uma das expressões mais fortes da vida política e da vida cívica desse país. (...) O que eles estão, mais uma vez, é provando certas afirmações teóricas de analistas políticos, de que é preciso mesmo brigar para que se obtenha um mínimo de transformação.” (Transcrito por Vítor Schütz).

3 Veja o verbete “Movimentos sociais/movimento popular” (MEDEIROS, ZITKOSKI E STRECK, 2008). No *Dicionário Paulo Freire*.

Na segunda parte do trabalho analiso três marcas desta trajetória na pedagogia freireana. Uma delas é o desenvolvimento da ótica de leitura de mundo, na qual os movimentos sociais populares desempenham um papel central. São eles que propiciam os óculos para conhecer a realidade, mesmo que os patrocinadores de projetos e programas sejam órgãos de governo ou, mais tarde, organizações não governamentais. Uma segunda marca é a dinamicidade que os movimentos sociais imprimem na obra de Paulo Freire, constituindo uma pedagogia do movimento, conforme se expressa no desdobramento da pedagogia do oprimido em outras pedagogias contextuais. Por fim, e vinculada aos itens anteriores, a pedagogia de Freire se caracteriza pelo seu caráter inovador, a partir da margem, onde se encontram as energias capazes e dispostas a produzir mudanças.

## Momentos constituintes da obra freireana: A emergência do popular

As décadas 1950 e 1960 são reconhecidas na educação popular como o momento quando se funda algo novo no panorama pedagógico latino-americano (BRANDÃO, 2001; PALUDO, 2001). A educação passa a ser vista como instrumento para as classes subalternas ocuparem um lugar na sociedade que lhes havia sido negado. Paradoxalmente, a sociedade que negava este espaço reconhecia que tanto o desenvolvimento econômico quanto a democracia moderna não poderiam conviver com este enorme contingente de população ignorante e analfabeta. As indústrias precisavam de operários minimamente qualificados e o aumento do número de cidadãos aptos a depositar o seu voto, então não permitido aos analfabetos, era importante para as disputas políticas regionais e nacionais.

A política populista, então vigente, consistia em adaptar as massas dentro da estrutura da sociedade, sem alterar a sua essência. Francisco Weffort comenta que “[...] terá sido este o maior equívoco e, ao mesmo tempo, a maior virtude dos populistas.” (WEFFORT, 1980, p. 24). Por um lado, eles necessitavam do crescimento da pressão popular através da mobilização das massas para garantir os seus interesses de poder e de realizar as reformas. Por outro lado, para que isso ocorresse criavam-se necessariamente espaços de participação que fugiam ao seu controle e que representavam uma tomada de consciência para além dos parâmetros previstos.

Por essa razão, Francisco Weffort refere-se à experiência pedagógica de Freire nestes seus primeiros anos como um “movimento de educação” integrado a um “movimento popular brasileiro” mais amplo<sup>4</sup>. Na apresentação do livro em que Freire narra a sua experiência de Angicos, o sociólogo tece as seguintes considerações:

---

<sup>4</sup> A primeira edição do livro *Educação como prática da liberdade*, no qual se encontra este prefácio de Francisco Weffort, é de 1967.

A apresentação deste livro parece-nos assim uma valiosa oportunidade para algumas considerações sobre o movimento popular brasileiro. Em verdade, seria difícil tratar de outro modo a um pensamento engajado como o de Paulo Freire. Suas idéias nascem como uma das expressões da emergência política das classes populares e, ao mesmo tempo, conduzem a uma reflexão e a uma prática dirigida sobre o movimento popular. (p. 4).

Esta mesma mobilização tinha, na visão do sociólogo, uma “debilidade congênita” que consistia em estarem os movimentos direta ou indiretamente vinculados ao governo, não chegando a criar um nível de organização que lhes permitisse uma resistência mais efetiva por ocasião do golpe militar, na maioria dos casos ruindo como castelos de cartas. O próprio Freire foi vítima da reação das forças que se sentiram ameaçadas e restabeleceram a ordem à sua maneira.

É grande a história e longa a lista de todos os movimentos que compuseram um quadro que hoje é parte de uma memória viva que se traduz numa visão de história como possibilidade e na ação pedagógica como ação política. Os Círculos de Cultura Popular, as Ligas Camponesas, o Movimento de Educação de Base, entre muitos outros, escreveram uma página da história quando a prática educativa faz da sociedade em movimento a sua “sala de aula”, recriando os tradicionais papéis de educador e educando, a metodologia, os objetivos e o conteúdo.

Dentre os muitos movimentos<sup>5</sup>, merece destaque o Movimento de Cultura Popular, criado na época em que Freire se envolvia com os seus projetos pedagógicos. Ele conta que o então governador Miguel Arraes convidou um grupo de intelectuais jovens da época, junto com alguns artistas e líderes sindicais para um encontro, no qual teria dito mais ou menos o seguinte:

Bem, eu ganhei a eleição, sou prefeito, e gostaria enormemente de trabalhar tanto quanto eu pudesse nessa administração; ter um trabalho de educação e de cultura ligado ao povo, às classes trabalhadoras. Não disponho de dinheiro, mas tenho a infra-estrutura da Prefeitura que eu posso pôr à disposição. Conto com a colaboração de vocês intelectuais, a quem não posso pagar. (FREIRE, 1992, p. 36).

---

5 Para uma análise deste período remeto ao livro *Educação Popular: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura* (SCOCUGLIA, 2000). Conforme este autor, “entre os principais movimentos, implantados no Nordeste, entre 1960 e 1964, merecem destaque: o Movimento de Cultura Popular (MCP), criado em maio de 1960, na Prefeitura do Recife (gestão Arraes); a campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, sob os auspícios da Prefeitura de Natal (RN), instituída em fevereiro de 1961; o Movimento de Educação de Base (MEB), da CNBB em convênio com o governo federal, instituída em março de 1961 em vários estados.”

Faziam parte desse grupo Ariano Suassuna e outras figuras de destaque, que tiveram uma influência decisiva na obra de Freire. Esta passagem pelo Movimento de Cultura Popular abriu, conforme sua avaliação, “uma larga possibilidade de aprendizado e gestação de uma teoria pedagógica.” (FREIRE, p. 37). Importante frisar que, junto com o reconhecimento de teóricos como John Dewey e Jean Piaget, mencionados na mesma entrevista, há um destaque para o Movimento como o espaço onde se encontram as condições para aprender e para gestar uma teoria pedagógica.

## A universalização

A obra de Freire alcançou um caráter universal, como testemunham as inúmeras traduções para idiomas em diferentes cantos do mundo que continuam sendo feitos de seus livros. Acredito que esta universalidade tem a ver não por último com a sua radicalidade, no sentido de produzir uma reflexão enraizada em práticas concretas, quer fossem no nordeste brasileiro, no processo de reforma agrária no Chile, na luta pela libertação na Guiné-Bissau ou na Prefeitura de São Paulo.

Um fato decisivo para isso foi, paradoxalmente, o exílio ao qual foi condenado pelo Regime Militar instalado no Brasil em 1964. Nesse sentido, o que aconteceu com Freire foi semelhante ao encontrado na biografia de João Amós Comenius e Jean-Jacques Rousseau, dois dos maiores pedagogos modernos. Eles também foram perseguidos em suas pátrias e, em suas peregrinações, não alimentando o ódio que divide, mas buscando compreender os sentimentos, as razões e os processos sociais capazes de alicerçar uma educação que promovesse a convivência justa e pacífica entre as pessoas e os povos.

Paulo Freire, numa entrevista à revista *Teoria & Debate* (1992), fala de sua aprendizagem no exílio:

Eu sabia que o exílio significava uma ruptura. Era uma espécie de corte e implicava, necessariamente um aprendizado difícil de, continuando vivo, lidar com um contexto novo. A realidade do exílio é sempre uma realidade que você toma de empréstimo; porque não está podendo experimentar-se na sua realidade original. [...] Você não pode transformar Brasil em Genebra. Eu procurei me ocupar no exílio para me preocupar com o Brasil. Aproveitei o tempo para aprender, nas minhas passagens pela África, Ásia, Austrália, Nova Zelândia, Pacífico Sul, América Central.

É nessa fase da vida de Freire que uma experiência do nordeste brasileiro encontra eco em outras práticas e começa a se constituir numa teoria capaz de

abrigar uma grande diversidade de experiências e de pontos de vista teóricos. Pouco sabemos da breve experiência de Freire na Bolívia, mas temos importante documentação do trabalho de Freire no Chile<sup>6</sup>, país que estava em plena fase de reformas que desaguardariam na eleição do socialista Salvador Allende, deposto pelo golpe de 1973. Aqui, a visão de Freire adquire um caráter explicitamente latino-americano. A cultura do silêncio não é mais um problema nordestino e brasileiro, mas é um problema derivado do passado colonial do sub-continente latino-americano. Mesmo que breve, a passagem pela Bolívia deixa nele as marcas da forte presença indígena neste país.<sup>7</sup>

Aos poucos entram outros atores. O fato de a primeira nota de rodapé de *Pedagogia do Oprimido* falar dos movimentos sociais ao redor do mundo parece especialmente reveladora, no sentido de indicar a fonte de inspiração desta teoria pedagógica, assim como de sinalizar as conexões entre os diversos movimentos da sociedade naquela época. Vejamos a nota:

Os movimentos de rebeldia, sobretudo de jovens, no mundo atual, que necessariamente revelam peculiaridades dos espaços onde se dão, manifestam, em sua profundidade, esta preocupação em torno do homem e dos homens, como seres no mundo e com o mundo. Em torno do *que* e do *como* estão sendo. Ao questionarem a “civilização do consumo”, ao denunciarem as “burocracias” de todos os matizes; ao exigirem a transformação das Universidades, de que resulte, de um lado – o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno; de outro – a inserção delas na realidade; ao proporem a transformação da realidade mesma para que as Universidades possam renovar-se; ao rechaçarem velhas ordens e instituições estabelecidas, buscando a afirmação dos homens como sujeitos de decisão, todos estes movimentos refletem o sentido mais antropológico do que antropocêntrico de nossa época. (FREIRE, 1981, p. 29-30).

---

6 Ver o livro *Freire e Fiori no exílio: um projeto pedagógico-político no Chile* (TRIVIÑOS; ANDREOLA, 2001).

7 Num seminário sobre Educación Cristiana y Educación Popular, em Cochabamba (PREISWERT, 1987, p. 21), Freire expressa esta aprendizagem: “Pero sólo no podemos trabajar en educación cristiana o educación popular, que es lo mismo, desconociendo da religiosidad popular, menos desconociendo la religiosidad nativa, anterior a la cristiana e que está viva; porque los 2 millones de aymaras han sufrido dominación quechua dos siglos, han sufrido dominación española cuarto siglos, han sufrido dominación de la república criolla 150 años, pero el aymara tiene su religion.” Descreve, então, o ritual da “wilancha”, o sacrifício de uma lhama ou ovelha e o compara ao ritual sacrificial da tradição judaico-cristã.

Há nesta citação cinco elementos que compõem a compreensão de Freire sobre os movimentos sociais.

a) Os movimentos são portadores de uma rebeldia que impulsiona as mudanças na sociedade. Vamos encontrar a palavra rebeldia em seus escritos posteriores, já incorporada à sua reflexão pedagógica, no sentido da necessidade de uma educação da rebeldia e da indignação.

b) Os movimentos sociais são localizados, respondendo a desafios específicos de uma classe, de um grupo social, de uma questão social emergente, diferenciando-se, portanto, de uma instituição.

c) Os movimentos sociais são ao mesmo tempo portadores de uma preocupação essencial, de caráter universal, que no caso seria a busca de humanização.

d) Os movimentos sociais são lugares de constituição do homem e da mulher como sujeitos, como alguém que diz a sua palavra.

e) Os movimentos sociais da atualidade indicam, para Freire, a ultrapassagem de uma visão antropocêntrica em direção a uma visão antropológica. Com esta afirmação, Paulo Freire antecipa a discussão sobre a centralidade da cultura e a valorização das diferenças, o que parece ser possível apenas se houver uma descentração, deixando o homem (sic!) de ser o centro, mas a própria vida, conforme argumento feito adiante no mesmo livro onde, com base em Erich Fromm, refere-se à tensão entre o movimento biofílico e necrofílico como portadora das possibilidades para uma educação humanizadora.

A passagem pelo Conselho Mundial de Igrejas foi, sem dúvida, um marco decisivo na carreira de Freire e uma opção consciente de sua parte. No fim da década de 60, ele já era suficientemente conhecido para poder optar por uma carreira acadêmica relativamente confortável em instituição de renome internacional. O convite do Conselho Mundial de Igrejas, no entanto, dava a ele, naquele momento, o espaço de que necessitava para testar as suas idéias no confronto com outras realidades.<sup>8</sup> Também a sua relação com o movimento da Teologia da Libertação se tornou paradigmático para a vinculação destas duas áreas de conhecimento na América Latina.<sup>9</sup> Tanto uma como a outra partem da realidade concreta do povo que crê, que aprende e que ensina.

---

8 Ver *O andarilho da esperança: Paulo Freire no CMI* (ANDREOLA; RIBEIRO, 2005).

9 Ver *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar* (STRECK, 2004).

## A construção da democracia

Ao regressar ao Brasil em 1979, depois de 15 anos de exílio, Paulo Freire encontrou uma realidade distinta no sentido de que os movimentos sociais populares haviam se dissociado da ação do Estado, contrapondo-se a este na luta por direitos trabalhistas através dos sindicatos, pelos direitos humanos e pela democratização, pela escola pública, pela terra e por outros direitos de cidadania. Ao mesmo tempo, na medida em que se reconquista a democracia, passam a ter um papel propositivo e se tornam protagonistas na luta por políticas públicas. A Constituição de 1988 incorporou muitas dessas propostas através da ação do Fórum da Participação Popular na Constituinte.<sup>10</sup>

Giovanni Semeraro (2006) aponta que se trata da mudança do paradigma da libertação para o paradigma da hegemonia. Já não interessava mais o confronto direto com o Estado, mas a ocupação de espaços na sociedade civil que garantissem a construção de um projeto de cunho popular. Tornam-se comuns nas discussões político-pedagógicas conceitos do vocabulário gramsciano, como sociedade civil, Estado ampliado, escola unitária, intelectual orgânico, bloco histórico, entre outros. É também neste período (1980) que se cria o Partido dos Trabalhadores, do qual Paulo Freire é um dos membros fundadores, e que passa a representar as expectativas cultivadas ao longo de duas décadas de silenciamento dos movimentos, muitas vezes na clandestinidade.

Formam-se, nesse período, importantes lideranças, tanto no âmbito dos sindicatos como no âmbito das Comunidades Eclesiais de Base. O atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva e o escritor Frei Betto são exemplos eloquentes da força formadora dos movimentos sociais daquele período. Herbert de Souza, o Betinho, liderou uma campanha pioneira contra a miséria e a fome no país.

Nos anos anteriores, Paulo Freire havia insistido na idéia de que a ação pedagógica não é neutra, mas que ela é sempre também ação política. Neste período ganha força a idéia de que a ação política é também ação pedagógica<sup>11</sup>. No momento em que o

---

10 Ver a esse respeito a análise de Pedro Pontual (2005, p. 46): “É importante situar que a intervenção dos movimentos sociais na perspectiva de construção das políticas públicas é uma dimensão recente das suas ações que emerge a partir da década de 80, incidindo sobre o processo de redemocratização do país. Foi na década de 80 que os movimentos sociais desenvolveram uma nova compreensão acerca do Estado e da sua autonomia em relação a ele. Evidencia-se uma relação de complementaridade necessária entre a organização autônoma na sociedade civil e a sua capacidade propositiva em relação às políticas públicas. A estratégia das suas ações passa a combinar sua organização autônoma com a disputa no espaço institucional em torno das políticas públicas, tanto no tocante à sua formulação como em relação ao seu controle e à sua gestão.”

11 Sobre a relação entre movimentos sociais, partidos e educação em Freire, ver *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas* (SCOCUGLIA, 1997, p. 91-96).

movimento se alia e em muitos casos se funde num partido, e quando este em não raras ocasiões se rege pela lógica política hegemônica, ganha proeminência a pergunta sobre o que fazer com o poder. É necessário, conforme ele afirma, reinventá-lo:

Pois bem, se temos uma opção política de compromisso com a classe trabalhadora, temos um sonho, uma utopia. Meu sonho não é apenas a tomada do poder: mas a reinvenção do poder. A tomada de poder pode implicar na reprodução ideológica do velho poder autoritário. Mas é preciso, sim, reinventá-lo completamente de maneira democrática. (1984, p. 6).

## As marcas do movimento na pedagogia: A ótica da leitura do mundo (quem educa o educador)

A leitura do mundo, como “a possibilidade que mulheres e homens ao longo de sua história criaram de *inteligir* a concretude e de comunicar o *inteligido*” (FREIRE, 2000, p. 42), faz parte do ser no mundo. Constituímo-nos como mulheres e homens a partir de compreensões da realidade que vamos formando desde que nascemos, através de um complexo conjunto de lentes que herdamos, e que, ao mesmo tempo reconstruímos, de forma sempre original. Se não podemos negar o caráter formativo das experiências, precisamos também reconhecer que esta formação não ocorre de modo mecanicista e, muito menos, pré-determinada. Paulo Freire, por isso, parte do pressuposto de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que o exercício da última não poderia estar dissociada da primeira.<sup>12</sup>

A questão que se coloca, então, não é se lemos a realidade ou não, mas sobre a ótica a partir da qual a mesma é feita. Chegamos, assim, a uma pergunta central na pedagogia e que passou a ser conhecida pela clássica frase de Marx de que “a teoria materialista da mudança das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias fazem mudar os homens e que o educador necessita, por sua vez, ser educado.” (MARX; ENGELS, 1983, p. 27). Em outras palavras: Quem e o que forma e informa a ótica pela qual educadores e educadoras lêem e ensinam a ler o mundo?

No caso de nosso estudo implica perguntar sobre os lugares nos quais Paulo Freire funda a sua práxis. Podemos tomar como ponto de partida a sua luta intransigente

---

12 “Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. [...] E tudo isso vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’.” (FREIRE, 1996, p. 90).

nos últimos anos de sua vida contra a aceitação fatalista do mercado como o único agente regulador da vida social e, por conseguinte, dos objetivos e dos conteúdos da educação. “E é uma imoralidade, para mim, que se sobreponha, como se vem fazendo, aos interesses radicalmente humanos, os do *mercado*.” (FREIRE, 1996, p. 112).

Da mesma forma, não temos em Freire uma crença de que o Estado ou algum partido, ao menos não da forma como existem, pudesse desempenhar esta função. Ele tem consciência de que, em uma sociedade capitalista, os interesses que controlam o Estado são prioritariamente os do capital e não das pessoas e dos grupos que estão deixadas à margem dos processos produtivos e de consumo ou neles integrados de forma subalterna. Igualmente, não adere a um fatalismo tecnológico, no sentido de que a tecnologia proveria os impulsos e a própria direção da educação. “A necessária formação técnico-científica dos educandos por que se bate a pedagogia crítica não tem nada a ver com a estreiteza tecnicista e cientificista que caracteriza o mero treinamento.” (FREIRE, 2000, p. 44).

A ética universal do ser humano, proposta por Freire, tem como ponto de referência o Outro que, mesmo silenciado, faz ouvir o seu grito.<sup>13</sup> Nesse sentido, os movimentos sociais populares são considerados por ele como a grande escola da vida. Neles, a ação por melhorias concretas em seu bairro ou das condições de vida anda de mãos dadas com a reflexão sobre o seu entorno e sobre estratégias de luta. “É por esse caminho, diz Freire, que o Movimento Popular, vai inovando a educação.” (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p. 66). Eles são uma força instituinte nas práticas educativas.

## O movimento/a andarilhagem

A pedagogia de Freire é uma pedagogia do movimento, e Carlos Rodrigues Brandão (2008, p. 40) expressou bem essa “vocalização coerentemente errante e andarilha” da vida e do pensamento freireano. Há, segundo Brandão, várias razões que nos fazem pendular entre o “estar aqui” e o “partir”, “ir para”:

Há os que se deslocam porque querem [os viajantes, os turistas], os que se deslocam porque crêem [os peregrinos, romeiros], os que se deslocam porque precisam [os migrantes da fome, os exilados] e há os que se deslocam porque devem [os engajados - para usar uma expressão cara aos dos anos 1960 - os comprometidos com o outro, com uma causa].

(Paulo Freire teria pertencido às duas últimas categorias).

13 “A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade do meu *eu*.” (FREIRE, 1996, p. 46).

No diálogo com Myles Horton (FREIRE; HORTON, 2002, p. 182), Freire lembra que a idéia de movimento está presente na própria etimologia de educação: trata-se de um movimento de fora para dentro, e vice-versa, que corresponde à tensão entre autoridade e liberdade. O lugar do oprimido, na sua provisoriamente como momento de passagem, requer um constante reinventar-se. Surgem, por isso, os desdobramentos da *Pedagogia do Oprimido* em *Pedagogia da Pergunta*, *Pedagogia do Conflito*, *Pedagogia da Esperança*, *Pedagogia da Indignação*, *Pedagogia do Sonho Possível*, entre outras.

A criação do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, na gestão de Luíza Erundina, quando Paulo Freire era Secretário de Educação do município de São Paulo, exemplifica a importância, na prática, da idéia de movimento. Maria Alice de Paula Santos (2008, p. 274) narra como o nome foi cuidadosamente escolhido para dar: “[...] o sentido de mobilização e engajamento dos setores organizados da sociedade, de apoio aos grupos que já desenvolviam trabalho de educação de jovens e adultos.” Tratava-se efetivamente de ir ao encontro das necessidades de grupos que já desenvolviam práticas educativas e que necessitavam de apoio.

## Uma pedagogia da margem

Os movimentos sociais têm a sua origem na margem do instituído.<sup>14</sup> Os movimentos que defendem os direitos humanos fazem-no exatamente porque as instituições supostamente destinadas a cuidar da integridade do cidadão não cumprem sua função. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge nas margens da legalidade que continua garantindo o acesso desigual à possibilidade de cultivar a terra, o que também vale para a educação, para a ecologia ou para qualquer outra área na qual pessoas, grupos ou classes vêm-se excluídas do acesso a recursos ou constatam, como no caso da ecologia, que estes estão sendo usados indevidamente.

A *Pedagogia do oprimido* é essencialmente uma pedagogia daquele outro que se encontra na margem. Por isso, parece tão pouco pertinente perguntar se a pedagogia de Paulo Freire ainda tem validade ou se ela pode ser aplicada, por exemplo, em escolas da rede pública, em universidades ou em projetos de educação de jovens e adultos. O equívoco consiste em se perder de vista que se trata de perceber o movimento pedagógico–recriado nesses espaços marginalizados da sociedade.

---

14 Boaventura de Sousa Santos (2007, p. 59), ao defender a criação de uma Epistemologia do Sul, comenta: “Das margens se vêem melhor as estruturas de poder. Devemos analisar as estruturas de poder da sociedade a partir das margens, e mostrar que o centro está nas margens, de uma maneira que às vezes escapa à toda nossa análise.”

Freire teve o mérito de captar e sistematizar como ninguém outro de seu tempo esse movimento e dar-lhe forma e consistência. Ele não inventou a pedagogia do oprimido mesclando Marx, Fromm, Sartre e outros pensadores, mas viu e ouviu o movimento pedagógico do movimento nas margens da sociedade e, então, para compreendê-lo, buscou os interlocutores. Ao mesmo tempo em que fez isso, Freire se pôs junto com o movimento, para o qual se tornou referência.

## Referências

ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mario Bueno. **Andarilho da esperança: Paulo Freire no CMI**. São Paulo: ASTE, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **De Angicos a Ausentes: 40 anos de educação popular**. Porto Alegre: MOVA-RS; CORAG, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Utopia e poder**. São Paulo: PUC, 1984. Palestra proferida em 12 de maio de 2008, na PUC-SP, por ocasião do curso de extensão cultural “Igreja e poder”.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. [Entrevista]. **Teoria & Debate**, São Paulo, n. 17, v. 1, p. 28-40, 1992. Trimestral. Entrevista concedida a Mário Sérgio Cortella e Paulo de Tarso Venceslau.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação**. São Paulo: Moraes, 1983.

MEDEIROS, Lucineide B., ZITKOSKI, Jaime J., STRECK, Danilo R. Movimentos sociais/Movimento popular. In: STRECK, Danilo R.; REDIN,

Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Vozes, 2008. p. 276-278.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular**. Porto Alegre: CAMP; Tomo, 1981.

PONTUAL, Pedro. Os movimentos sociais e a construção de políticas públicas nos espaços locais. In: BORGES, Liana; BRANDÃO, Sérgio Vieira (Org.). **Diálogos com Paulo Freire**. Tramandaí: Isis Editora, 2005. p. 37-58.

PREISWERK, Matthias. Paulo Freire em Cochabamba. **Fé y Pueblo**, año IV, n. 16 y 17, p. 4-49, octubre de 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Maria Alice de Paula. MOVA. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Vozes, 2008, p. 274-276.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise dos paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educação Popular: do sistema Paulo Freire aos IPMs da Ditadura**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB; São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2000.

SEMERARO, Giovanni. Libertação e hegemonia: chaves de filosofia política na educação brasileira. In: TORRES, Artemis; SEMERARO, Giovanni; PASSOS, Luiz Augusto (Org.). **Educação: Fronteira política**. Cuiabá: EdUFMT, 2006. p. 19-36.

STRECK, Danilo R. **Correntes Pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva; ANDREOLA, Balduino Antonio. **Freire e Fiori no exílio: um projeto pedagógico-político no Chile**. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001.

WEFFORT, Francisco C. Educação e política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade). In: FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Recebimento em: 13/11/2008.

Aceite em: 13/12/2008.